

Alguns passos de Mário Pedrosa

Everaldo de Oliveira Andrade

Mário Pedrosa foi um dos personagens mais extraordinários da militância socialista e da crítica artística no Brasil. Sua trajetória, ao longo dos seus mais de 80 anos de vida, foi marcada por dois exílios, durante a ditadura Vargas e na ditadura iniciada em 1964, perseguições políticas, polêmicas, debates, contradições. Mas sempre houve em sua vida muita esperança, ele deixou contribuições fundamentais e, mais do que isso, um exemplo de vida dedicada à luta emancipatória dos trabalhadores, à maioria do povo brasileiro. (...) Ele se formou como militante, combatendo o stalinismo do PCB, nas fileiras do trotskismo nas décadas de 1920 e 1930. Percorreu os caminhos tortuosos do primeiro Partido Socialista nas décadas de 1950 e 1960. Após o segundo exílio nas décadas de 1960 e 1970, mergulhou em seus últimos anos de vida nas mobilizações por um novo partido operário e independente - o PT - que nos seus primeiros anos era uma organização vigorosa, de massas, combativa e comprometida com a luta socialista.

(...)

Nos primeiros tempos após seu afastamento da 4ª Internacional Mário Pedrosa parecia querer buscar acertar contas com sua militância anterior. Chegou a criticar o modelo da Revolução Russa de 1917 e, apoiando-se na idéias da revolucionária polonesa Rosa Luxemburgo, ajudou a divulgar suas obras no Brasil, como o texto "A Revolução Russa", escrito por ela em 1918. Nesse documento, Rosa defendeu a revolução russa de 1917, mas fazia uma série de críticas e observações às propostas que os bolcheviques impulsionaram na revolução como, por exemplo: a necessidade da defesa da democracia mesmo durante a revolução porque a defesa das liberdades democráticas seria a melhor forma de educar as massas; uma reforma agrária socialista e não a distribuição de terras a pequenos proprietários; além da questionável crítica à autodeterminação dos povos – o direito dos povos decidirem livremente seu destino – afirmando que essa posição poderia reforçar o nacionalismo conservador. Os revolucionários não deveriam para Rosa simplesmente se render à imitação servil do modelo de revolução da Rússia, mas debatê-lo como aliados da revolução, apontando seus erros e acertos. Rosa Luxemburgo foi assassinada em 15 de janeiro de 1919 e muitas de suas idéias não puderam ganhar sentido com a experiência posterior da própria História. Na verdade, sua situação era a expressão das contradições e dilemas de muitos militantes tragados pela espiral da guerra e das

perseguições do stalinismo, das quais a própria 4ª Internacional e seu líder mais importante, Leon Trotsky, não saíram ilesos. Muitos dos que sobreviveram não resistiram como militantes desafiados por gigantescos obstáculos ao desenvolvimento de suas convicções políticas.

As ideias de Rosa permitiam a Mário, nesse momento, tomar distância sem romper com suas convicções de militante revolucionário e independente na defesa da revolução de outubro. Seria injusto, muito simples e fácil culpá-lo individualmente pelos descaminhos e crises por que passará a 4ª Internacional, da qual Mário Pedrosa foi no Brasil o principal fundador. Ele mesmo pôde fazer o balanço do momento, assumiu novas posições sem sair do campo do marxismo e sua ação política posterior mostrou-o como militante político ativo. Porém, a ausência de um programa político e de uma organização firme dará a sua militância socialista posterior um curso as vezes desviante, ainda que coerente com a busca nunca abandonada de um caminho político de ruptura pelo socialismo. O fato de jamais ter aderido ao estalinismo, mantendo-se como homem de esquerda pelo resto de sua longa vida, ajudou-o a abrir caminhos e manter esperanças revolucionárias. Não se trata de eximí-lo de possíveis erros de avaliação política ou de aceitar suas opções, mas de tentar compreendê-las no momento histórico em que ocorreram. Com o fim da guerra em 1945, a esquerda brasileira stalinista ganhou prestígio, com a legalização do PCB e a saída da prisão de Luiz Carlos Prestes. A classe operária da URSS derrotara as hordas nazistas, o que atraía ao stalinismo setores de massa no que aparentemente representava a via única à revolução socialista.

Mário Pedrosa, vindo de uma militância crítica ao stalinismo do PCB que traía as propostas da revolução russa de outubro, buscou abrir caminho como líder de um grupo de militantes socialistas independentes. Entre 1945 e 1948 dirigiu a publicação do jornal Vanguarda Socialista no Rio de Janeiro, agrupando antigos simpatizantes e militantes trotskistas, separando-se do PSR trotskista dirigido por Hermínio Saccheta que seguiu como seção da 4ª Internacional. O grupo em torno do jornal aproximou-se de outros grupos socialistas de diversos matizes e contrários ao stalinismo e que dariam origem à chamada "Esquerda Democrática", que teve seu manifesto de fundação aprovado em 25 de agosto de 1945. O jornal dirigido por Pedrosa procurava se contrapor, com uma visão crítica ao stalinismo e ao regime da União Soviética. Fez uma oposição contundente à orientação do PCB de se aliar com o ex-ditador Getúlio Vargas. O PCB começara a apoiar Vargas quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados. Nas prisões milhares de militantes haviam sido torturados. Mas mesmo depois da guerra, os stalinistas continuaram a apoiar Vargas,

chegando a propor a continuidade do seu governo com a proposta: "Getúlio com a constituinte, Getúlio continue no poder!" Mas o ditador foi deposto em 29 de outubro de 1945. Nas eleições presidenciais Mário Pedrosa afirmou na Vanguarda que a luta contra a ditadura Vargas perdera o caráter de luta de massas e que se deveria apoiar a candidatura de Eduardo Gomes, por permitir uma unidade progressista contra a ditadura¹.

O jornal Vanguarda Socialista possuía bom nível teórico, tratando de temas de economia, cultura e buscando desenvolver discussões no campo do marxismo. Era aberto e disponível para os debates que se contrapunham ao dogmatismo do PCB. Publicava textos dos clássicos do marxismo como Karl Marx, Engels, Trotsky, Lênin, Rosa Luxemburgo. Chegou a ter distribuição nacional e vender 20 mil exemplares inclusive em bancas. A maioria dos militantes de esquerda, porém, ainda apoiava a ditadura da burocracia stalinista da URSS. Mário Pedrosa tornou-se por isso, uma referência, uma luz da esquerda democrática no Brasil. Mesmo afastado da 4ª Internacional, mantinha a defesa da democracia socialista e do livre debate entre os revolucionários. Sempre acreditou que a fé cega nos líderes do partido serviria apenas para encobrir seus erros e impedira o surgimento de militantes críticos e capazes de lutar com iniciativa pelo socialismo. Por isso, sempre foi alvo dos stalinistas e seus seguidores fiéis no meio intelectual e operário. Em abril de 1946 a Esquerda Democrática realizou sua primeira convenção nacional com a presença de 160 delegados. Na segunda convenção de 16 de agosto de 1947, a Esquerda Democrática adotou o nome de Partido Socialista Brasileiro (PSB), que durou até 1965.

A militância socialista independente nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil não era fácil – como nunca será qualquer militância revolucionária, aliás. Mas talvez muita das dificuldades e impasses políticos do Mário Pedrosa deste período expliquem-se pelo fato de que, sem uma organização política para coletivamente discutir e enfrentar os problemas e dificuldades da sua luta, as pressões sociais da sociedade burguesa, dos adversários políticos no movimento social, ganhavam sempre um impacto maior. Fora do maniqueísmo artificial entre a onda favorável ao stalinismo do PCB no pós guerra e contra o capitalismo liderado nos EUA e os governos da burguesia brasileira, era necessária muita energia e convicção política para sobreviver agindo como militante de esquerda e independente. Além disso, como veremos a frente, era preciso ganhar a vida, sobreviver, e Mário Pedrosa teve que se dedicar à sua profissão com muito mais empenho que antes, fazendo da crítica de arte uma arena também de luta socialista.

¹ Alexandre Hecker, Socialismo sociável, p. 70, citando Vanguarda socialista, 31/08/1945.

No Brasil vivia-se um período político difícil logo após o suicídio de Vargas em 1954. Havia inquietação militar, a corrupção e o clientelismo, os sindicatos controlados pelo Ministério do Trabalho muitas vezes com a colaboração do PCB, dificultando a formação de uma vanguarda socialista independente. Esta situação conduzia toda uma ampla geração de militantes ao impasse, a falta de saídas em suas perspectivas socialistas e democráticas. Em 1947 a Esquerda Democrática do qual Pedrosa agora era membro, passou a chamar-se Partido Socialista Brasileiro e o jornal Vanguarda Socialista tornou-se órgão do partido no Rio de Janeiro desde julho de 1948.

Nesse período da História do Brasil o país passava por um rápido crescimento econômico. Aumenta a migração de nordestinos para o sul do país e grandes empresas multinacionais passam a se instalar aqui com incentivos governamentais. Por força da pressão popular surgem algumas empresas estatais que serão fundamentais para o desenvolvimento do país como a Petrobrás, a Companhia Vale do Rio Doce, a Eletrobrás e outras. O segundo governo de Vargas (1951-1954) foi marcado por enfrentamentos entre setores nacionalistas e partidários do capital estrangeiro. Nesse período o PSB entra em uma luta política interna séria em relação à sucessão presidencial. Com Juscelino Kubitschek (1956-1960) avança a entrada de capitais externos e a inflação que gera mobilizações populares. Governo de João Goulart (1961-1964), que substituiu Jânio Quadros, acirra-se a luta de classes, que servirá de pretexto para as forças mais conservadoras do país desfecharem um golpe militar em abril de 1964. Mário Pedrosa acompanha de perto e age nessa conjuntura.

O PSB era um partido bem fluido e com muita diversidade interna, tentando competir sem sucesso com o PTB varguista e o PCB stalinista. O partido teve sempre pouca penetração nas camadas populares. Em São Paulo apoiou em 1953 a eleição de Jânio Quadros e chegou a integrar seu governo com vários militantes. Com o tempo houve um inchamento e descaracterização do partido. Ex-militantes e camaradas de Mário Pedrosa em São Paulo como Fúlvio Abramo, Febus Gokovate, Aristides Lobo e Plínio Gomes de Mello tentaram manter um caráter programático socialista ao partido com pouco sucesso². Entre 1959 e 1960 o debate corria em torno das eleições presidenciais. No interior do PSB Gikovate afirmou que os dois principais candidatos, marechal Lott e Jânio Quadros, eram representantes da burguesia dispostos a implantar um regime autoritário e reacionário em associação com o imperialismo, propondo uma candidatura autônoma dos trabalhadores. Mas em junho de 1960 o próprio Febus apoiará o marechal Lott³, o que revelava que o diagnóstico de Mário Pedrosa sobre o PSB estava correto. O partido tornara-se uma legenda oportunista e

² Ibidem, p. 104

³ Ibidem, pp. 187-189

eleitoreira sem qualquer relação com a luta e os interesses da classe trabalhadora.

A gota d'água para a saída de Mário Pedrosa do PSB foi provavelmente o apoio do partido à candidatura presidencial do conservador Juarez Távora em 1955. Em 1956 o grupo liderado por Pedrosa e Raquel de Queiroz se afasta e forma a Ação Democrática com vários dos chamados "socialistas autênticos". Entre os objetivos do agrupamento estava lutar pela independência econômica brasileira e seu desenvolvimento industrial autônomo dos trustes internacionais (Semeando a democracia, pp. 70, e 98 nota 32). Mário Pedrosa foi impiedoso em seu balanço posterior do partido: *"o oportunismo político fez com que não se lutasse pela real restauração de um movimento sindical independente, daí nascendo o peleguismo, ao qual o Partido Socialista se associou por motivo de ordem tática. O Partido Comunista também fez acordo nesse sentido. (...) O PSB não teve grande importância, porque já nasceu morto. Entre Prestes e Getúlio, ele não conseguiu encontrar uma posição independente. O que faltou ao PSB foi exatamente um movimento operário independente"*⁴.

No seu livro "Opção imperialista", escrito às vésperas do golpe, ele presente o período turbulento, os impasses do capitalismo no Brasil e a crise que bate à porta. Ele analisa as transformações do capitalismo do século 20 e renova suas esperanças na possibilidade da revolução socialista no Brasil. O livro é marcado por muitas idéias polêmicas, como a afirmação de que o capitalismo se recuperava, passava por um novo surto de desenvolvimento de suas forças produtivas, por uma revolução tecnológica e científica. Essa situação obrigaria, segundo Mário, que a esquerda revisasse seus métodos de luta... O objetivo central do livro era mostrar, no entanto, que se o capitalismo das grandes multinacionais não possuía nada de positivo e progressista, a classe trabalhadora deveria *"ir assumindo o controle das reformas e das alavancas de comando do estado e do modo de produção até modificá-lo"*⁵.

Outro objetivo do texto era mostrar que as classes oprimidas dos países periféricos só possuíam como saída à luta pelo socialismo. Uma das conclusões que tirava Mário Pedrosa em seu livro era de que os proprietários privados donos de empresas e fazendas haviam sido substituídos pelos burocratas ou dirigentes das grandes corporações, e aqui ele identificava a ex-URSS e os EUA erradamente como parte de um mesmo fenômeno. Tentou demonstrar que o capitalismo se tornava cada vez mais uma máquina impessoal que separava o proprietário do processo produtivo. Argumento perigoso como se a burguesia alguma vez abrisse mão do controle da produção e do Estado. Outra conclusão ainda mais polêmica do livro afirmava que a

⁴ Citado em Hecker, op cit, pp. 257-258

⁵ Citado por Isabel LOUREIRO, Mário Pedrosa e o socialismo democrático, in: MARQUES NETO, op cit, p. 324.

noção de classe operária havia se ampliado e, com isso, *"a classe operária clássica"* deixava de ser *"o grande grupo permanente de oposição social"*, embora segundo o autor, continuasse a ser fundamental para qualquer política emancipadora⁶.

Mário Pedrosa foi pioneiro com seu livro ao criticar, com grande atualidade, os impasses da revolução tecnológica sobre o ritmo do trabalho. Ao mesmo tempo em que a automação trazia conseqüências benéficas para os trabalhadores, como aumento da produção e diminuição da fadiga física, provocava o aumento da intensidade do trabalho e da exploração, de sofrimentos morais e psíquicos. Esse aumento da produção e corte dos empregos fazia com que a sociedade capitalista de consumo mantivesse uma grande massa de desempregados e miseráveis e uma camada de consumidores que desperdiçavam e consumiam mesmo o que não precisavam.

A suposta democracia dos EUA era vista por Mário Pedrosa como cobertura de um verdadeiro regime totalitário, no qual o homem virara um pequeno átomo, tomado pelas propagandas, pelo consumo e pela alienação. Tudo para consumir o seu tempo livre. Apenas socialismo garantiria a democracia e a liberdade para a humanidade. Mas para isso não bastaria apenas tomar o poder. Para Mário Pedrosa o socialismo democrático deveria começar a germinar antes da tomada do poder, desde a base. O socialismo deveria ser uma criação dos trabalhadores, das massas agindo com autonomia desde as bases, se politizando, para transformarem o capitalismo. O local de trabalho, as empresas, as escolas, deveriam ser os locais da transformação econômica socialista, das comunidades cooperativas ou de autogestão coletiva da produção. Ou seja, os trabalhadores deveriam assumir plenamente seu lugar dirigente no novo sistema socialista. A vitória do socialismo deveria ser fruto do controle popular, do fim do estado, da descentralização do poder. Seus novos livros eram um desafio provocador, militante e ousado, aos longos anos de ditadura brutal que se abateriam sobre o Brasil.

(...)

O segundo exílio e o Museu da Solidariedade

Com a vitória da revolução cubana de 1959 e as mobilizações camponesas e populares que se alastravam pelo Brasil no período do governo João Goulart, abrem-se novas frentes e desafios para a atuação dos militantes de esquerda. O golpe militar de 1964 trouxe Mário Pedrosa novamente para a linha de frente da militância política

⁶ Citado por Isabel LOUREIRO, *ibidem*, p. 497.

direta, depois de uma intensa atividade ligada à sua profissão na crítica de arte. Ele dirigia como presidente a Associação Brasileira dos Críticos de Arte (ABCA). Reage inicialmente escrevendo dois livros políticos - "a opção imperialista" e "a opção brasileira" - publicados ambos em 1966, que buscam fazer um balanço da luta contra o capitalismo e das perspectivas de transformação. Ele reafirma o ataque à orientação stalinista de que a burguesia industrial do Brasil seria progressista, caracterizando a nova conjuntura ditatorial como uma espécie de regime bonapartista. Nesse mesmo ano sai candidato a deputado pelo MDB (movimento democrático brasileiro) sem sucesso. O MDB era o único partido permitido pelos militares ao lado da ARENA e que serviu de abrigo provisório para muitos militantes de esquerda como Mário. No jornal Correio da Manhã de 25 de setembro de 1966 ele escrevia: "*Nesse movimento de aproximação aos cassados, as vítimas da ditadura militar, está a prova de que a ditadura já é uma sobrevivência no tempo. O povo em sua imensa maioria já lhe retirou qualquer apoio...*" Dois anos depois, com a decretação do Ato Institucional 5, uma medida que aprofundará a repressão da ditadura, ele participa das mobilizações no Rio de Janeiro como a passeata dos 100.000 contra o regime militar e da missa em homenagem ao estudante Edson Luiz, morto pela polícia no restaurante Calabouço. Nessa ocasião ele sofre uma isquemia e é obrigado a se afastar por um período para tratamento médico.

Dois anos depois volta à atividade no período mais brutal da ditadura brasileira e no quais as torturas, prisões ilegais e assassinatos tornavam-se a rotina do regime. Ele passa a desenvolver uma atividade de denúncia à Anistia Internacional dos casos tortura. Em julho de 1970, é obrigado a fugir do país após ter sido ouvido em processo, quando afirmou estar solidário com as vítimas envolvidas e isso pelo horror que lhe inspirava a tortura. Sua casa foi invadida pela polícia e sua biblioteca saqueada, mas ele consegue sair às pressas do país com a ajuda de amigos. Aos 70 anos de idade, Mário partia para seu segundo exílio, perseguido novamente por suas idéias e sua militância socialista. Uma carta aberta assinada por Pablo Picasso, Alexander Calder de outros grandes artistas internacionais é dirigida ao general Médici, declarando-o responsável pela integridade física de Pedrosa e condenando o pedido de prisão contra ele.

Ele e muitos outros brasileiros na época vítimas da ditadura militar, buscaram refúgio no Chile. Nessa época esse país começava a ser governado pelo presidente Salvador Allende, eleito por uma coalizão de partidos (Partido Comunista, Partido Socialista, MAPU e Partido Radical) e apoiado por amplas mobilizações de massa. O governo chileno propunha uma transição pacífica ao socialismo, mas despertava uma

poderosa energia revolucionária entre a juventude e os trabalhadores. Ele envolveu-se entusiasticamente com as promessas revolucionárias que se abriam, mas sempre cauteloso e crítico. Em uma carta de setembro de 1972 ele comentava: *"o que caracteriza a situação política atual é o processo de crescente conscientização da classe trabalhadora (...) a classe sente que o que está em jogo é o seu governo, que esta é a sua hora..."* (Retratos do exílio).

Mário Pedrosa foi convidado para integrar-se como professor às atividades da Faculdade de Belas Artes de Santiago, além de participar como membro do Instituto de Arte Latino-americano. Salvador Allende lhe propôs a criação de um Museu de Arte Moderna, idéia que ele abraçará com grande entusiasmo. Foi criado o comitê internacional de solidariedade artística ao Chile, presidido por pedrosa e encarregado de colher doações ao novo museu. A nova instituição foi batizada com nome de "Museu da Solidariedade". Para conseguir obras de arte para seu acervo Mário Pedrosa viajou ao exterior, conseguindo importantes adesões, como a dos pintores e artistas plásticos Juan Miró, Pablo Picasso, Calder e Soullages entre centenas de outras obras doadas. Teve o apoio de Pablo Neruda, na época embaixador chileno em Paris.

O capítulo chileno da vida militante de Mário Pedrosa termina abruptamente junto com a queda do governo de Salvador Allende em 11 de setembro de 1973. O golpe brutal do general Augusto Pinochet, patrocinado pelos Estados Unidos e com apoio das ditaduras da região, faz borbulhar o sangue que já se espalhava pela América Latina. Mário é obrigado a fugir novamente e, com passaporte chileno, busca asilo na embaixada do México depois de ficar dezessete dias escondido. O escritor mexicano Carlos Fuentes é obrigado a interceder para conseguir tirá-lo do Chile e levá-lo provisoriamente para o México. De lá ele é obrigado também a sair buscar asilo na França onde possuía antigos amigos. Por viajar com passaporte chileno o governo francês não queria inicialmente aceitar conceder direito de asilo político a Mário Pedrosa, o que só foi possível após mobilização e apoio de importantes intelectuais franceses que o conheciam.

Em outubro de 1973 ele e sua esposa passam a residir em Paris. Nesse período é possível acompanhar um nítido deslocamento de suas preocupações políticas e intelectuais para a América Latina e um distanciamento da Europa. Esse novo olhar sobre a América Latina é envolvido por uma perspectiva terceiro-mundista e que será confirmado pelo seu texto "Discurso ao tupiniquis e nambás", publicado em outubro de 1975 onde ele afirma: *"Os países pobres e subdesenvolvidos já não podem alcançar o avanço dos ricos. Essa disparidade verifica-se também no campo da arte. Aqui, igualmente, a quantidade se transforma em qualidade. Na fase histórica em que*

estamos vivendo, o 3º mundo para não marginalizar-se de tudo, para não derrapar na estrada do contemporâneo, tem que construir seu próprio caminho de desenvolvimento (...) As vivências e experiências desses povos não são as mesmas dos povos do norte. São muitos diferentes, ainda que suas aspirações sejam contemporâneas. (...) Os pobres da América Latina vivem e convivem com os escombros e os cheiros desconfortáveis do passado...” (Retratos do exílio, pp. 104-105)

Em carta de 17 de julho de 1976, comentava um novo livro que escrevia sobre Rosa Luxemburgo e afirmava: "*com Rosa me despedi do europeísmo...*". A nova obra ficou conhecida como "A crise mundial do imperialismo e Rosa Luxemburgo", na qual procura resgatar o legado da revolucionária polonesa e sua atualidade em relação às mobilizações operárias que então ocorriam. Não podemos esquecer que no momento em que Pedrosa escreve o livro, o capitalismo vivia uma de suas mais profundas crises. A alta dos preços do petróleo provocava uma quebra em cadeia das principais economias do mundo, endividamentos crescentes e uma nova onda revolucionária em vários países. Os EUA saíam derrotados da guerra do Vietnã, a Revolução nicaragüense estava a poucos passos de sua vitória em 1979 e a ditadura brasileira dava sinais evidentes de recuo por força das mobilizações populares crescentes.